

Editorial

FALTA DE
COERÊNCIA

A presidente Dilma Rousseff deu posse, ontem, a seus novos ministros. Fez o que deveria ter feito ao assumir o segundo mandato se não tivesse se deixado seduzir pelo discurso fabricado por seu marqueteiro que lhe permitiu ganhar a eleição.

A presidente pretendeu estender além da conta o primeiro mandato, com seus trunfos. Não deu outra: a corda arrebentou. A partir de certo momento, a presidente trabalhava não com o time que estava ganhando, mas com o que estava perdendo.

Com as mudanças feitas, que atenderam um mínimo de expectativas, o governo adquire alguma governabilidade, graças aos compromissos estabelecidos com os aliados, em especial o PMDB, que agora tem sete ministérios, e o ex-presidente Lula.

Com esse arranjo, a presidente deve readquirir fôlego para resistir aos processos na Câmara dos Deputados que pedem o seu impeachment, que serão ainda mais turbinados se o TCU rejeitar, em reunião marcada para amanhã, as contas de 2014 de seu governo.

A governabilidade parece restaurada, mas o mesmo não se pode dizer da governança. Tudo vai depender de essa equipe demonstrar competência e a presidente ter a necessária habilidade para conduzi-la, não perdendo o foco e contornando as contradições.

Não será fácil. Além da crescente oposição ao governo pela opinião pública, as contradições internas contribuem para enfraquecê-lo. Nesses dias, várias capitais foram tomadas por um movimento contra o impeachment, a favor da Petrobras e contra o ajuste.

Os autores misturam, deliberadamente ou não, alhos com bugalhos, causas boas com causas ruins, conforme seu juízo, para destruir o ponto mais consistente do governo Dilma – o programa de ajuste fiscal do ministro Levy, a tábua de salvação do governo.

Como podem os que estão contra o plano estar também a favor do mandato da presidente?

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolli
PRESIDENTE Laura Mediolli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke

SEU ELETROCARDIOGRAMA
DETECTOU MUITO ÓDIO, E
O ELETROENCEFALOGRAMA
MOSTROU POUCA ATIVIDADE
INTELLECTUAL.

OU SEJA, SE NÃO
SE CUIDAR, LOGO,
LOGO O SENHOR
PODERÁ SOFRER DE
FASCISMO!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Honestidade intelectual faz
falta para olhar a realidade

Parecia um pesadelo, mas era realidade, e ela se impôs

Muito já foi escrito de 2 de outubro para cá sobre a reforma ministerial efetivada pela presidente Dilma Rousseff. E antes também, sobre quem ficaria e quem sairia, referente a ministérios e a quem ocuparia as pastas remanescentes.

Muito choro e ranger de dentes, desesperança e desânimo entre pessoas que apoiam o governo. Li bastante sobre o assunto, declarações favoráveis e desfavoráveis, para embasar a minha opinião na presente tentativa de análise de perdas e ganhos, ainda inicial e sem pretensões de esgotar o tema, que é vasto, complexo e eivado de paixões.

Tentei manter algum distanciamento das áreas nas quais tenho uma história militante: opressão da mulher, opressão racial/étnica e saúde, sobretudo a defesa do SUS – as mais ceifadas, inegavelmente, pela reforma ministerial. Parecia um pesadelo, mas era realidade, e ela se impôs.

A entrega do Ministério da Saúde (de porteira fechada?) a quem nunca deu um prego numa barra de sabão em defesa do SUS, ao contrário, é surreal! Considero fora de propósito e um equívoco ideológico e político a junção da Secretaria da Mulher com a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e a Secretaria de Direitos Humanos, configurando o Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, que vejo como um ministério mala e, como tal, de pouca serventia, mas ter Nilma Lino como ministra é um alento.

Desanquei o patriarcado, que está vivíssimo e mostrou bem suas garras; o racismo é uma fé bandida e se mostrou de dentes arreganhados; e repeti à exaustão que saúde não é moeda de

troca, mas foi, e para mãos não confiáveis! Quer mais? Não vou enumerar tudo para não sangrar mais minhas feridas. Me poupe: “Tire o seu sorriso do caminho/ Que eu quero passar com a minha dor” (“A Flor e o Espinho”, de Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito, Alcides Caminha).

Estou desde sexta-feira passada dando chilikos e pedindo “meus saís”! Maldisse Altamiro Borges, que teve o topete de escrever “Reforma ministerial desanima os golpistas”; maldisse Ricardo Kotscho e seu lúcido “Dilma sai das cor-

A entrega do Ministério da Saúde (de porteira fechada?) a quem nunca deu um prego numa barra de sabão em defesa do SUS) é surreal!

das; oposição apoia Cunha”; e maldisse o editorial do Portal Vermelho, que, com serenidade irritante, diz, sob o título “Reforma ministerial e a nova maioria pelo desenvolvimento”: “A reforma ministerial foi uma importante vitória do governo liderado pela presidente Dilma... Uma reforma da administração e uma recomposição do ministério, dentre outras medidas importantes”.

Um esforço que faço quando estou numa encruzilhada política é ter como guia uma visão panorâmica, no caso a conjuntura brasileira. Para tanto, recorro à metáfora de uma árvore que plantei – ela é minha – numa floresta pegando fogo!

A conjuntura nacional é uma floresta

ameaçada pelo fogo, e as minhas áreas de militância são as minhas árvores que estão na floresta ameaçada de virar cinza. Lembrem-se de que, naquela floresta, eu tenho três árvores, a saber: as lutas pelos direitos da mulher, pela igualdade racial e pelo SUS! O que fazer?

É evidente que, se eu desejar preservar tão somente as “minhas árvores”, sem a preocupação de defender toda a floresta, corro o risco de perder as “minhas árvores” e toda a floresta!... De modo que urge que eu tenha honestidade intelectual de ver as “minhas árvores” como parte da floresta que está em chamas.

Maldisse todos que li e que me forçaram a ver a floresta que estava pegando fogo e um incêndio sendo contido. Resta-me o consolo dos versos de Brecht (1898-1956): “Fôssemos infinitos/ Tudo mudaria/ Como somos finitos/ Muito permanece”.



DUKE